



A DANÇA COMO FERRAMENTA DE INCLUSÃO: ESTUDO DE CASO DOS CENTROS DE TRADIÇÃO GAÚCHA DE SARANDI, RONDINHA E BARRA FUNDA¹

LAURA CARBONARI, GABRIELI T. RECH, LUCAS SUPTITZ, WITÓRIA G. M. SOARES, TAINARA G. PREZOTTO, SABRINA V. DICKEL²; ADRIANO MATTEI³

Resumo: O presente artigo foi resultado das atividades desenvolvidas na disciplina de Extensão IV do curso de Pedagogia do CESURG Sarandi e desse modo apresenta uma abordagem empírica, pois os pesquisadores foram a campo interagir e entender como a inclusão de crianças atípicas pode ocorrer de modo efetivo nas instituições de educação não formal. O acompanhamento das atividades de três CTGs demonstrou quanto impacto social ações planejadas e estruturadas visando o atendimento desse público podem alcançar e desse modo, contribuir com o pleno exercício da cidadania dessas crianças.

Palavras-chave: CTG; Inclusão; Crianças Atípicas; Extensão Universitária

1 INTRODUÇÃO

A busca por promover a inclusão de crianças atípicas de maneira mais efetiva encontra em grupos de dança, formas de proporcionar um ambiente acessível e acolhedor que estimule o desenvolvimento físico, emocional e social, fortalecendo a autoestima, a socialização e a valorização da diversidade por meio da arte.

O projeto desenvolvido e apresentado no presente artigo visa apresentar uma proposta para promover a inclusão de crianças em grupos de dança, garantindo oportunidades igualitárias para seu desenvolvimento físico, emocional e social. É de conhecimento geral que dança melhora a coordenação, auto estima e socialização, sendo um espaço de acolhimento, especialmente para crianças em vulnerabilidade ou com necessidades especiais. Além de fortalecer a diversidade, o projeto sensibiliza

¹ Artigo apresentado para a VII Mostra de Iniciação Científica do CESURG. Ano 2025.

² Centro de Ensino Superior Riograndense – sabrinadickel@cesurg.com

³ Centro de Ensino Superior Riograndense – adrianomattei@cesurg.com



a comunidade sobre a importância da inclusão, contribuindo para a formação de cidadãos mais respeitosos e integrados.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando se pensa a inclusão de crianças com necessidades de atendimento especializado, logo se relaciona com os desafios dos espaços escolares, pois esse aspecto desafia os professores, pois isso ultrapassa seu domínio de formação acadêmica, já que há a necessidade de diálogo com conhecimentos produzidos nas áreas de saúde mental, psicologia, educação especial, entre outras (ASSIS; SANTIAGO, 2016).

Desse modo é importante que os professores estejam sempre em busca de novas metodologias, estratégias, e capacitações para compreender alunos com necessidades especiais na sala de aula e ajudar em seu processo de desenvolvimento.

A qualidade de aprendizagem depende das condições que são oferecidas para os educandos e para isso é necessário aulas planejadas de acordo com a realidade deles. Através do meio de conhecimento do professor, experiências, novas estratégias e propor novas práticas saindo do tradicional onde iremos obter uma prática pedagógica inclusiva (SENA, 2021, p 118).

A escola é onde o aluno passa grande parte de sua vida e convive com pessoas diferentes como direção escolar, professores, funcionários e os colegas nas salas de aula. Por essa razão é importante entender essa vivência social dentro das escolas e da afetividade nela envolvida.

É importante que o professor entenda seu papel como mediador e saiba desenvolvê-lo quando envolve situações com um aluno especial, levando em consideração seus conhecimentos para oferecer a ele uma experiência significativa em sua vida. O professor deve entender que esse aluno possui sua singularidade, mas não deixa de ter ganhos significativos em sua evolução e a escola também é um fator muito importante para promover a mudança e tornar possível a sua interação social construindo uma rede de apoio à inclusão.

Desse modo, destaca-se também sobre o aspecto da inclusão social da criança, o qual diz respeito às adequações e o respeito que deveriam existir em nosso cotidiano, entretanto nossa sociedade atual detém de princípios semelhantes à exclusão, do qual, a ideia de incluir uma pessoa com deficiência ou transtorno é



subentendida como deixá-la no mesmo ambiente que os demais, porém sem qualquer auxílio ou acessibilidade. O trecho a seguir explicita sobre a temática:

A falta de conhecimento da sociedade, em geral, faz com que a deficiência seja considerada uma doença crônica, um peso ou um problema. O estigma da deficiência é grave, transformando as pessoas cegas, surdas e com deficiências mentais ou físicas em seres incapazes, indefesos, sem direitos, sempre deixados para o segundo lugar na ordem das coisas. É necessário muito esforço para superar este estigma. (MACIEL, 2000, p. 53).

A inclusão dessas crianças em espaços não escolares é algo que precisa avançar nos mais diversos contextos sociais, pois esses espaços contribuem de modo significativo na formação integral dessas crianças, desse modo deve-se promover projetos e ações nos espaços não formais, buscando que “espaços não-formais constituam-se como instituições verdadeiramente inclusivas, que contemplam não só às especificidades da instituição como também as especificidades do público tendo em vista sua heterogeneidade” (BASSOLI; LEOCÁDIO, 2012).

Tendo a certeza de que em espaços não escolares a inclusão também se faz necessária, com isso o MTG - Movimento tradicionalista Gaúcho fundou o Departamento de inclusão, a vista de possibilitar que pessoas com deficiência possam participar de suas atividades.

O departamento conta com diretrizes que assegurem seus direitos e buscam contribuir para a inclusão social e o desenvolvimento das pessoas com necessidades especiais. Possibilitando assim o acesso aos seus direitos garantidos pela Constituição Federal e pelo estatuto do MTG.

3 MATERIAL(AIS) E MÉTODOS

Por se tratar de uma atividade desenvolvida na disciplina de Extensão IV, cuja o eixo temático foi a inclusão, a metodologia a utilizada na realização do mesmo será fundamentada em vivências, diagnósticos e proposições. Para isso, serão realizadas observações com foco no processo de inclusão de crianças em grupos de dança tradicional gaúcha. Serão observadas três situações distintas: uma criança autista durante os ensaios do CTG Pousada dos Tropeiros, na cidade de Rondinha, o ensaio do projeto Inclusão em Movimento, realizado no CTG Porteira da Querência, no



município de Sarandi e uma aluna com TEA no Centro de Tradições Gaúchas Repente das Tradições, localizado em Barra Funda.

Desse modo o referido artigo tem um caráter descritivo, pois como afirma Gil (2002) esse tipo de pesquisa busca descrever as características de determinada população e o estabelecimento de relações entre variáveis. Quanto ao procedimento pode-se classificar a referida pesquisa como sendo um Estudo de Coorte, que se caracteriza, como o mesmo autor relata, como um estudo de um determinado grupo de pessoas que possuem alguma característica em comum, acompanhando os mesmos por um determinado período.

4 RESULTADOS

No dia 18 de março de 2025, foi realizada uma vivência no Centro de Tradições Gaúchas Repente das Tradições, no município de Barra Funda, a qual foi realizada com uma criança com sete anos de idade, que apresenta laudo de TEA. A mesma participa ativamente dos ensaios e apresentações do CTG e Ballet, mesmo sendo de fora do município, Ela frequentou a APAE pelo período de quatro anos, e dança com seu primo de cinco anos.

Durante a observação, a criança apresentou bom resultado e participação no ensaio, sabendo se posicionar corretamente no palco e tendo conhecimento das danças músicas e qual passo realizar, inclusive ajudando seu par em determinados momentos. Manteve-se centrada durante a aula, destacando que não havia uma auxiliar com atendimento especial para ela durante o ensaio, sendo tratada de modo igual aos colegas.

Também foi realizada a vivência do projeto "Inclusão em Movimento", iniciado no Centro de Tradições Gaúchas Porteira da Querência, no município de Sarandi. Esse projeto existe há cerca de um ano, com o objetivo de promover a participação de crianças e adolescentes com diferentes tipos de diagnósticos, incluindo cadeirantes e frequentadores da APAE.

Os ensaios acontecem uma vez por semana, sempre às segundas-feiras, no turno da tarde. O primeiro horário é destinado a crianças de 7 a 13 anos, enquanto o segundo grupo reúne adolescentes a partir dos 14 anos contando, inclusive, com a



participação especial de uma senhora de 72 anos, o que reforça o caráter inclusivo e intergeracional do projeto.

O comportamento durante os ensaios varia conforme o diagnóstico de cada participante, já que cada um possui seu modo próprio de se expressar e interagir. No entanto, observa-se uma diferença significativa em relação ao comportamento comumente visto em sala de aula: as crianças e adolescentes demonstram-se mais tranquilos, concentrados e participativos. Além disso, são extremamente carinhosos e educados, o que contribui para a construção de um ambiente acolhedor, respeitoso e cheio de afeto.

O instrutor responsável é o mesmo que atua nas internadas do CTG e conta com o apoio de auxiliares que ajudam nas orientações e também dançam com os participantes. De acordo com a equipe, o progresso de cada integrante tem sido evidente, com avanços notáveis a cada ensaio.

Durante as atividades, os grupos realizam coreografias em roda e em fila. Cada grupo possui sua própria dança de entrada e trabalha com um repertório que inclui danças tradicionais gaúchas, como o Pezinho e o Caranguejo. Atualmente, estão ampliando seus conhecimentos e habilidades com novas coreografias, como o Maçanico e a Rancheira, fortalecendo ainda mais o vínculo com a cultura regional.

Em outra ocasião, no dia 28 de abril de 2025, também foi realizada uma vivência no Centro de Tradições Gaúchas Pousada dos Tropeiros de Rondinha. Essa vivência foi realizada com um menino de dez anos de idade que apresenta laudo de TEA. O mesmo frequenta a escola básica, a APAE de Sarandi e participa da internada Pré Mirim do CTG, onde dança com uma menina sem nenhum tipo de laudo.

Durante a observação, foi possível notar a inclusão do menino no decorrer do ensaio. Foi notável a inclusão entre a internada, o instrutor de dança e principalmente entre a prenda e o menino. Foi possível perceber que o menino segue as instruções do professor de dança de maneira clara e compreensível do ponto de vista dele, assim como acompanha a internada e a sua prenda.

Em uma breve conversa com o instrutor de dança, foi possível relatar que o menino adora dançar e sempre busca dar o seu melhor, acompanhando o grupo e seguindo as orientações, mas nem sempre foi assim, no início, quando o menino começou a frequentar o CTG ele já tinha essa paixão pela dança e a música gauchesca, mas não tinha a concentração necessária na hora de desenvolver os



passos de dança. O instrutor também relata que tudo o que foi visto durante a observação, vem de um longo trabalho com dedicação e paciência, mas acima de tudo inclusão, pois o essencial não é que o menino dance perfeitamente, mas sim que ele se sinta bem no lugar em que ele está e com as pessoas que o cercam neste momento.

Foi possível relatar que o menino com TEA está incluso de forma prática e lúdica na internada Pré Mirim, tanto pelos colegas do grupo de dança quanto pelo instrutor. Também foi possível notar que o menino é feliz em estar ali e poder participar junto com as demais crianças, e o sorriso no rosto da mãe do menino durante o ensaio demonstra a alegria em ver o seu filho no meio das demais crianças sendo incluído e acolhido junto com os demais.

Na tarde do dia 23 de junho de 2025, no município de Sarandi-RS, foi realizada, nas dependências do Centro de Tradições Gaúchas Porteira da Querência, uma vivência especial com o grupo de danças do projeto "Inclusão em Movimento". A proposta da atividade surgiu a partir da solicitação feita à coordenação do grupo para que fosse possível reunir as internadas com o grupo de inclusão, com o objetivo de observar e avaliar, na prática, como ocorre a inclusão dentro do grupo de danças. A coordenação acolheu a ideia com entusiasmo e integrou à atividade crianças das internadas Pré-Mirim e Mirim. Esses integrantes tiveram a oportunidade enriquecedora de compartilhar o espaço e a dança com crianças diagnosticadas com deficiências, atendidas pela APAE, e que participam ativamente do projeto de inclusão.

Os coordenadores e alunos da internada artística Pré-mirim e do grupo de dança "Inclusão em movimento", professor de dança nos receberam muito bem; as crianças especiais demonstraram grande amor, pelas pessoas que lá estavam acompanhando eles no dia a dia, e por nós acadêmicas, que mesmo sendo desconhecidas fomos surpreendidas com muito carinho e alegria.

Durante a vivência, as crianças do grupo de inclusão também puderam experimentar, de forma concreta, como funcionam os ensaios de um grupo tradicional de danças, trocando experiências, aprendizados e afetos.

Durante o ensaio, os pares foram formados de maneira especial, crianças da internada artística foram interligadas com prendas e peões do grupo da inclusão. Essa integração proporcionou momentos de grande sensibilidade e alegria. Juntos,



dançaram com entusiasmo músicas tradicionais como o Pezinho, Maçanico, Chote Carreirinha e a dança de roda do Caranguejo.

A interação entre os dois grupos foi marcada por respeito mútuo, cooperação e cuidado com os limites e particularidades de cada criança. Foi emocionante observar como cada passo era realizado com carinho e atenção, refletindo o verdadeiro espírito de inclusão e união. A dedicação dos pequenos dançarinos e a energia contagiante do grupo transformaram o ensaio em um momento mágico.

Presenciar a formação desse grupo tão diverso e harmonioso foi uma experiência encantadora e profundamente inspiradora. Mais do que uma simples apresentação, o que se vivenciou ali foi a construção de laços afetivos, que ultrapassam os limites da dança e se firmam com empatia, parceria e amor pela cultura. Foi um momento de grande significado, marcado pela integração, pelo respeito às diferenças e pelo fortalecimento dos vínculos entre as crianças. Uma vivência que evidenciou, de forma sensível e concreta, como a arte e a cultura gaúcha podem ser uma poderosa ferramenta de inclusão e transformação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir, a partir do relatado, que a abordagem acerca da importância da inclusão plena de crianças atípicas mostra-se muito atual e necessária, pois fomentar debates e reflexões a esse respeito tem a força de transformar positivamente esse contexto.

Quando se possibilita a vivência da inclusão de crianças em espaços não escolares, e diante dessas realidades, possibilita-se a replicação de exemplos positivos de instituições que, para além dos objetivos da sua existenciais, busca incluir e melhorar a condição da integração dessas crianças tem-se uma experimentação muito enriquecedora.

E esse foi o objetivo da presente pesquisa vivencial retratada: mostrar e propor reflexões acerca da importância do envolvimento dos mais variados espaços de educação não formal com a inclusão de crianças atípicas, a exemplo das ações dos CTGs dos municípios de Sarandi, Rondinha e Barra Funda.



REFERÊNCIAS

AMORIM, Márcia Camila Souza; NAVARRO, Elaine Cristina. **Afetividade na educação infantil**. Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar (2012) nº7 p 2.

ASSIS. Raquel Martins , SANTIAGO. Ana Lydia Bezerra. Inclusão escolar: uma proposta de pesquisa e intervenção. Rev. Educação Pública, v.25, n.58. Cuiaba: jan. 2016.

BASSOLI, Fernanda; LEOCÁDIO, Denise. Práticas inclusivas em espaços não-formais: compartilhando experiências. **III Encontro Nacional de Ensino de Ciências da Saúde e do Ambiente**, Niterói/RJ, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACEDO, Maria Paula Rodrigues. **Educação: Minorias, práticas e inclusão**. São Paulo, 2021. 96 p.

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. **Portadores de Deficiência: a questão da inclusão social**. São Paulo, 2000.

SENA, Angélica Rocha. **Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil: Práticas Pedagógicas**. Foz do Iguaçu. 2021.